

Miragens na Caixa: um espetáculo que prende feito visgo

Por Alexandre Mate¹

Grandes mestras e mestres do teatro têm insistido quanto ao caráter arbitrário de estabelecer classificações etárias. Evidentemente, determinadas obras, tendo em vista seus arranjos formais/composicionais, adequam-se melhor a determinados universos de sujeitos, mas, mesmo admitindo isso, o importante é ter presente que uma obra “prende” o espectador e a espectadora quando é obra boa. Bons espetáculos na rua, por exemplo, independentemente dos tratamentos mais específicos, conseguem seduzir todo o tipo de pessoa: dos 8 aos 80, transeuntes apressados e distraídos, pobre e ricos...

Criado por dois coletivos (Grupo Teatro do Imprevisto e Grupo Boneco Vivo), a obra reúne grandes espetáculos de curtíssima duração. Depois do excepcional cortejo de entrada, apresentado pela tradição tropeira por um Menino Madrinheiro (apresentado por Ricardo Salem), que organiza e apresenta indicadores da obra a ser mostrada, são desenvolvidas e apresentadas as obras míticas: *Mãe d'Água*, *Histórias de Pescador*, *Procissão das Almas*: e a mais moderna, *Viagem a Marte*.

Em razão da equipe montada para criação de *Miragens na Caixa*, a obra reúne um conjunto significativo e primoroso de achados ou características teatrais. O cortejo inicial, como já apontado, se caracteriza em belo momento teatral, digno das formas populares de cultura: musicalidade (cuja direção) é do veteraníssimo e talentoso Beto Quadros. Nesse particular, a também veteraníssima e guerreira criadora e estudiosa das formas populares de

¹ Alexandre Mate é mestre pela ECA/USP, Doutor em História Social pela FFLCH/USP; professor-orientador no programa de pós-graduação do Instituto de Artes da Unesp/SP; dedica-se à pesquisa teatral, autor de inúmeros textos e alguns livros na área teatral.

cultura, Vivian Rau, no debate pós espetáculo afirmou que a música de entrada segue a tradição do Moçambique; a criação dos cavalinhos de pau (que são trotados) pelo conjunto; a delimitação do espaço de representação com protagonismo dividido entre os atores, as atrizes e as quatro caixas de lambe-lambe...

A direção do espetáculo, dividido em cinco narrativas, de Thiago Almeida e Iasmin Marques (do Grupo Girino) com codireção de Gustavo Guimarães, consegue fazer com que cada momento do espetáculo brilhe, individual e coletivamente. O encanto visual e a delicadeza na criação dos cenários e das personagens das narrativas é pungente, emocionante, poético. Se como adulto me surpreendi, imagino o impacto que isso pode trazer para as pessoas sensíveis de todas as idades. Nesse particular, ainda, houve uma “sacada” bacana: as narrativas são apresentadas por meio de gramelô (blablação ou glossolalia – que se caracteriza em “língua” inventada e sem reconhecimento). O único senão que apresentei durante o debate, diz respeito ao fato de todas as personagens da obra serem da cor branca. Nesse particular, tendo em vista as questões de representatividade, penso que tal questão precisa ser revisitada.

Ligado à tradição do teatro de lambe-lambe ou teatro de imagens, a obra carrega consigo algumas tradições míticas brasileiras, bem aclimatadas a determinados aspectos cultura do Vale do Ribeira. Ter tido acesso ao belo espetáculo, em um domingo chuvoso, foi um momento de respiro poético fazendo com que viesse à tona nossa potência encantatória.

Cumprimento a toda a gente da criação, que se juntou para poetizar, a quem se concede alguns momentos de um viver que tem sido tão denso, tão pesado, tão triste, então, com Drummond: “Havemos de amanhecer”.